
RECURSOS DE APOIO PEDAGÓGICO PARA ALUNO COM BAIXA VISÃO: DIFICULDADES E POTENCIALIDADES

Larissa Feitosa Moura ¹

Larissa M. Rebouças Pereira ²

Maria Cleonice Soares ³

Resumo

O presente trabalho vislumbra discutir o que é a baixa visão, causas e consequências, bem como os recursos pedagógicos utilizados para facilitar o aprendizado desses sujeitos. O objetivo da pesquisa é compreender e discutir as principais dificuldades do aluno com baixa visão e como este pode receber apoio do professor através dos recursos pedagógicos, a fim de otimizar o seu sucesso escolar. Para melhor compreensão sobre esta temática utilizaremos como respaldo teórico os autores Bedaque (2011), Domingues (2010), Ladeira e Queirós (2002), Lima e Silva (2012) bem como a Lei Brasileira de Inclusão nº 13146/15. No tocante as considerações finais elucidam que, a inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino regular é um grande desafio, pois nem as escolas, família e nem o próprio sujeito estão preparados para lidar com as necessidades, o educando sempre está em um processo de ensino aprendizagem constante, onde busca diariamente superar as suas limitações.

Palavras-chave: Baixa Visão; Educação; Inclusão;

Abstract

The present work aims to discuss what is the low vision, causes and consequences, as well as the pedagogical resources used to facilitate the learning of these subjects. The objective of the research is to understand and discuss the main difficulties of the student with low vision and how he can receive support from the teacher through the pedagogical resources in order to

¹ Discente do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. -UERN.
E-mail: lfm141997@hotmail.com

² Discente do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Graduada em Turismo pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN.
E-mail: larissapereira88@yahoo.com

³ Docente do curso de pedagogia da UERN, Mestre em Educação pela UERN.
E-mail: cleonicesoares@uern.br

optimize his school success. For a better understanding of this theme we will use as theoretical support the authors Bedaque (2011), Domingues (2010), Ladeira and Queirós (2002), Lima e Silva (2012) as well as the Brazilian Inclusion Law 13146/15. Regarding the final considerations, it is clear that the inclusion of students with special needs in regular education is a great challenge, since neither schools, families nor the subject itself are prepared to deal with the needs, the educator is always in a process of Teaching constant learning, where daily seeks to overcome their limitations.

Key words: Low Vision; Education; Inclusion;

1. Introdução

O interesse em desenvolver esta pesquisa, surgiu a partir da disciplina **Procedimentos de Intervenção nas Práticas Educativas** ofertada na graduação em pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. A intenção estabelecida para a construção desta pesquisa foi a partir de inquietações sobre buscarmos conhecer o que é a baixa visão, causas e consequências, bem como os recursos pedagógicos utilizados para facilitar o aprendizado desses sujeitos, sobre este prisma ainda a aplicaremos um questionário com uma aluna que possui baixa visão, onde iremos expor o seu ponto de vista acerca dessa temática. Nesta perspectiva também temos a intenção de conhecer qual o papel que a escola deve assumir no processo de ensino e aprendizagem destas pessoas, bem como investigar métodos, formas de como propiciar uma aprendizado de qualidade para estes alunos.

Tendo em vista a exposição da temática que será abordada, o estudo tem como objetivo compreender e discutir as principais dificuldades do aluno com baixa visão e como este pode receber apoio do professor através dos recursos pedagógicos, a fim de otimizar o seu sucesso escolar.

Para desenvolver este estudo a metodologia utilizada foi o estudo bibliográfico, mediante a análise de artigos científicos, dissertações, livros virtuais, onde a investigação se caracteriza por ser qualitativa. Sob está prisma também utilizaremos a aplicação de questionário semiestruturado com uma aluna com baixa visão, para podermos obtermos mais respaldo em nosso estudo. Para nos enveredarmos nesta pesquisa adotaremos vários estudiosos que contribuíram, para o embasamento teórico deste trabalho sendo eles: Bedaque (2011), Domingues (2010), Ladeira e Queirós (2002), Lima e Silva (2012), Ministério da Educação – MEC (2006), Sá (2007) entre outros, bem como a Lei Brasileira de Inclusão nº 13146/15.

No tocante as considerações finais elucidam para uma visão que a inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino regular é um grande desafio, pois nem as escolas, família e nem o próprio sujeito esta preparado para lidar com suas necessidades. É importante mencionar que a educação inclusiva já avançou consideravelmente, no entanto, ainda ha muito que melhorar e um dos pontos que se faz necessário expor é a conscientização dos profissionais que ainda deixa muito a desejar, pois o aluno com baixa visão ou visão subnormal, muitas das vezes não são compreendidos, onde a deficiência não está visível como as outras, por isso se tornam tão árdua e desafiadora superar as barreiras atitudinais que lhes restringem diariamente.

2. Referencial Teórico

O sujeito quando enxerga mantém um elo como o mundo exterior, onde através dos sentidos ele vai desenvolver a percepção de cores, espaço, tamanho, formas e direção, em contrapartida a pessoa com baixa visão terá uma limitação em relação à percepção que permite associar a imagem, o que dificultará de exercer uma atividade exploratória circunscrita a um espaço delimitado. Para discutir os conceitos da baixa visão é pertinente analisar a visão de alguns autores e expor como eles definem está limitação.

Para a temática aqui abordada o Ministério da Educação – MEC apresenta uma interessante contribuição quando expõe que:

A baixa visão é a alteração da capacidade funcional da visão, decorrente de inúmeros fatores isolados ou associados, tais como: baixa acuidade visual significativa, redução importante do campo visual, alterações corticais e/ou de sensibilidade aos contrastes, que interferem ou que limitam o desempenho visual do indivíduo. A perda da função visual pode se dar em nível severo, moderado ou leve, podendo ser influenciada também por fatores ambientais inadequados. (2006, p.16)

A respeito das falas apresentadas, verifica-se que a baixa visão dificulta muito o desenvolvimento pleno dos sujeitos, a partir de bloqueios que ela ocasiona, sentimentos conflitantes, que conseqüentemente ocorrem nos indivíduos, podendo provocar um desajustamento desarmonioso, bem como um dilema constante que as pessoas com baixa visão vivem, o medo de perder a pouca visão que ainda possuem. Sobre esta prisma a pessoa com baixa visão pode adquirir em função desse impasse, ansiedade, frustraões, medos, insegurança em contra partida em relação aos aspectos cognitivos estes são normais, o que

proporciona a pessoa com baixa visão manter um convívio social, assim conhecer a limitação do outro é algo necessário e essencial, a fim de nos aproximarmos da realidade que nos circunda.

Ampliando a discussão Sá expõem que conceituar a baixa visão não é uma tarefa fácil, pois:

A definição de baixa visão (ambliopia, visão subnormal ou visão residual) é complexa devido à variedade e à intensidade de comprometimentos das funções visuais. Essas funções englobam desde a simples percepção de luz até a redução da acuidade e do campo visual que interferem ou limitam a execução de tarefas e o desempenho geral. (2007, p. 16)

Levando em consideração os aspectos observados, é pertinente afirmar que a autora traz uma discussão sobre a complexidade de se definir esta deficiência, sendo que existem diversos níveis de comprometimentos visuais que difere de pessoa para pessoa, neste contexto também existe um déficit sensorial de grau que afeta a execução de tarefas simples do cotidiano.

Compartilhando do raciocínio do Domingues, está autora descreve a deficiência de forma minuciosa quando alude que:

A baixa visão pode acarretar perda de campo visual e comprometer a visão central ou a periférica. O campo visual corresponde à área total da visão. Quando a perda ocorre no campo visual central, a acuidade visual fica diminuída, e a visão de cores pode ser afetada com possíveis alterações de sensibilidade ao contraste e dificuldade para ler e reconhecer pessoas. Nesse caso, é recomendável o aumento de contraste e o controle da iluminação. Para melhor visualização, as pessoas com baixa visão podem demonstrar preferências quanto às posições do olhar, da cabeça e do material a ser visualizado. (2010, p.9)

As colocações da autora conduzem a uma percepção que não basta apenas conhecer a deficiência e a personalidade das pessoas com baixa visão, mas é preciso manter forma de mediação, ou seja, se importar com o bem esta do sujeito, manter dialogo em quanto as suas preferências, afim que esta interação possibilite o encontro do deficiente com a sua história de vida e com o seu futuro, que apesar de incerto, poderá ser culminado se nos preocuparmos com o outro, em conhecer a limitação que o outro possui e que todos nós possuímos.

As pessoas com baixa visão apesar de possuírem dificuldades constantes, possuem suas capacidades cognitivas normais, onde essa função é primordial na buscar de alternativas que facilitem o seu cotidiano de maneira perspicaz, bem como raciocinar possibilidade para que

sua realidade se torne mais dinâmica e algo imprescindível para o seu progresso no meio social. A função cognitiva propicia ao deficiente criar alternativas que facilitem a rotina do sujeito com baixa visão através dos recursos de apoio pedagógicos que tanto podem contribuir para a vida escolar do educando como para a sua vida particular e convivência com o meio social.

Tendo em vista as especificidades discutidas, se faz necessário compreender o que ocasiona a baixa visão a suas causas e consequências e o que isso interfere na vida do sujeito que possui essa deficiência. Um indivíduo que detém uma deficiência visual, sem expectativas de corrigi-las com lentes convencionais, demonstra um grande esforço para desempenhar atividades rotineiras, o que desencadeia diversos aspectos que interferem em sua trajetória sendo elas, influenciadas por fatores como a luz e a fadiga, ou por manifestações psicológicas e emocionais, em virtude da limitação que possuem.

Ladeira e Queirós elucidam as causas para a baixa visão:

Uma significativa baixa de visão ou a redução do campo visual, resulta de uma anomalia ou mau funcionamento no aparelho visual. O problema pode situar-se nos meios transparentes do globo ocular (córnea, cristalino ou vítreo), na íris, na retina e nas vias ópticas ou no cortex visual. Pode ser hereditária, congênita ou adquirida (acidente, doença, idade). (2002, p. 22)

Em conformidade com o autor supracitado a baixa visão pode ocorrer desde o nascimento ou nos primeiros anos de vida, onde trata-se de um comprometimento do funcionamento visual, em ambos os olhos que não pode ser revertido de óculos convencionais ou cirurgias oftalmológicas. A função visual é algo essencial que proporciona oportunidade de aprendizagem através dela, contato com pessoas, objetos e ambientes diversos. A pessoa com baixa visão criará possibilidades e formas de adaptação para desempenhar atividades, desenvolver habilidades e capacidades para conhecer e aprender para assim conseguir superar suas limitações, a fim de conquistar o seu espaço e anseios sejam eles estudar ou trabalhar.

A esse respeito, encontramos a seguinte colocação nos estudos de Domingues:

A baixa visão pode ser causada por enfermidades, traumatismos ou disfunções do sistema visual que acarretam diminuição da acuidade visual, dificuldade para enxergar de perto e/ou de longe, campo visual reduzido, alterações na identificação de contraste, na percepção de cores, entre outras alterações visuais. Trata-se de um comprometimento do funcionamento visual, em ambos os olhos, que não pode ser sanado, por exemplo, com o uso de óculos convencionais, lentes de contato ou cirurgias oftalmológicas. Algumas das enfermidades que causam baixa visão são a retinopatia da prematuridade, a retinocoroidite macular por toxoplasmose, o albinismo, a catarata congênita, a retino se pigmentar, a atrofia óptica e o glaucoma. (2010, p. 08)

Este autor trouxe importantes aportes ao tratar a baixa visão de forma detalhada o que permite uma melhor compreensão a cerca da deficiência, mesmo com a visão de cores afetada e dificuldade para reconhecer pessoas, o deficiente pode neste caso criar estratégias para facilitar o reconhecimento como memorizar a voz das pessoas e procurar superar os obstáculos diversos que são desafiadores, mas não impossíveis de serem conquistados.

No que se refere às consequências da baixa visão Ladeira e Queirós descreve que:

As principais funções do aparelho visual que podem ser afetadas são a acuidade visual (para perto e para longe) e o campo visual (central e periférico). Podem ainda ser afetadas as reações à luz e apreciação da cor, sensibilidade ao contraste, motilidade ocular, visão binocular e as funções correspondentes às áreas cerebrais responsáveis pela visão e áreas associadas. (2002, p. 22)

Cito estes dois autores devido ao fato de apontarem e de analisarem as especificidades sobre a baixa visão que confrontam diversas concepções de teóricos a fim de estabelecer mais respaldo para a pesquisa, com relação a essa temática devemos considerar as características individuais de cada sujeito, as reações emocionais e tipos de perda, as experiências visuais vivenciadas, bem como a aceitação frente à deficiência.

Nos estudos empreendidos por Domingues este teórico detalha as consequências da baixa visão a partir dos indícios abaixo relacionados:

Olhos vermelhos; lacrimejamento durante ou após esforço ocular; piscar continuamente; visão dupla e embaçada; movimentar constantemente os olhos (nistagmo); Dificuldades para enxergar a lousa; aproximar de mais os olhos para ver figuras ou objetos e para ler ou escrever textos; Sensibilidade à luz; dores de cabeça; tonturas, náuseas; Aproximar-se muito para assistir televisão; tropeçar ou esbarrar em pessoas ou objetos; ter cautela excessiva ao andar; esquivar-se de brincadeiras ou de jogos ao ar livre; dispersar a atenção. (2010, p. 09)

Para essa discussão teórica, foram apresentadas as contribuições dos referidos autores para compor o estudo, onde os mesmos descrevem que algumas enfermidades podem ocasionar a baixa visão, no entanto acidentes também podem causar esta patologia. Para melhor visualização, as pessoas com baixa visão podem manifestar suas preferências em tamanho de letras, contraste de cores, adequar a iluminação entre outras necessidades para que obtenha melhor desenvoltura nas suas atividades diárias. Nesta perspectiva é necessário conhecer, conviver e respeitar as limitações do outro, sendo que estes sujeitos tem o direito de participar de forma ativa na sociedade tanto nas discussões e estudos que circunda o campo da inclusão.

II- OS RECURSOS DE APOIO PEDAGOGICO PARA ALUNOS COM BAIXA VISÃO

Tendo em vista a complexidade da temática é fundamental apresentar os recursos de apoio pedagógico que auxiliam o aluno seu no processo de ensino e aprendizado, a fim de obter um melhorar na sua eficiência e desempenho em atividades rotineiras, proporcionando comodidade e mais autonomia. Frente a estes desafios eis que surgem os auxílios óticos e não óticos, eletrônicos, onde estes equipamentos iram dar suporte ao educando nas suas tarefas, conduzindo para uma melhor utilização dos resíduos visuais, tornando o aprendizado menos exaustivo e conseqüentemente mais exaustivo.

A partir dos discursos apresentados Ladeira e Queiroz evidenciam sobre os recursos óticos esclarecendo que:

Estes sistemas de lentes são muito diversos e incluem desde simples lupas (de mão fixas ou móveis), lupas iluminadas, telescópios (monoculares e binoculares para melhorar a leitura e escrita), telescópios para a visão ao longe, (acoplados às armações ou não), prismas (para mover as imagens para uma parte diferente da retina) e lentes de contato. Com a evolução da ciência e da tecnologia, as lentes de contato têm vindo a revelar-se muito úteis na ajuda que podem dar em situações de baixa visão nomeadamente nas situações de afaquia em bebés e outros casos, revelando um papel muito importante na estimulação visual e num melhor aproveitamento do campo visual. (2002, p. 42)

Aos aspectos apontados pelos autores fica evidente que estes recursos de apoio ao deficiente viabilizam um melhor desempenho para a realização de tarefas, no entanto é pertinente ressaltar que nem todas as pessoas tem acesso a informação da existência desses auxílios, em virtude desses fatores acabam por ocasionar o comprometimento no seu campo visual, tal como o seu desenvolvimento pessoal, educacional e profissional. Sobre esse assunto Domingues elucida que:

Os auxílios óticos são lentes ou recursos que possibilitam a ampliação de imagem e a visualização de objetos, favorecendo o uso da visão residual para longe e para perto. Exemplos de auxílios óticos são lupas de mão e de apoio, óculos bifocais ou monoculares e telescópios, dentre outros, que não de vem ser confundidos com óculos comuns. A prescrição desses recursos é da competência do oftalmologista que define quais são os mais adequa dos à condição visual do aluno. (2010, p.11)

As colocações do autor conduzem para uma percepção de que tais recursos propiciam uma leitura mais proveitosa e veloz, assim como facilita a aquisição da escrita mais eficiente e produtiva, proporciona a observação de imagens, tal como uma melhor postura da cabeça e da coluna vertebral na realização de estudos e atividades, permitindo um maior conforto visual ao deficiente.

Ladeira e Queiroz (2002, p. 43) detalham sobre auxílios não ópticos que se incluem nesta categoria referem-se a filtros especiais (para aqueles alunos que são particularmente sensíveis à luz ou à claridade), contrastes utilizados, tipo e ampliação de tamanho de letras, tiposcópio de leitura e escrita, gravador, modelos, tipo de papel, marcadores.

A respeito das falas apresentadas verifica-se que as pessoas que detêm a baixa visão, possuem maior resistência e sensibilidades a luminosidade, viabilizando atender as singularidades e as especificidade de cada sujeitos é necessário analisar qual recurso melhor que se enquadra em suprir as suas necessidades de cada deficiente. Nesta perspectiva é pertinente ressaltar a relevância do recurso na vida dos indivíduos que possuem baixa visão, como fator de intermédio que propiciar mais agilidade, melhor adequação as atividades diárias assim como mais bem-estar. A fim de compreender mais sobre esses os recursos Domingues saliente sobre os recursos tecnológicos onde expõe que:

Nesta área vamos encontrar o circuito eletrônicos fechado de televisão (CCTV) mais conhecido por Lupa TV, que pode ser fixo ou móvel. Outros sistemas de tratamento de informação podem ser utilizados nomeadamente: sistema de hardware (computador pessoal) e diversos aplicativos de informática disponíveis no mercado. (2002, p. 43)

Considerando as palavras do autor supracitado é evidente que nem todos tem acesso a esses recursos por serem classificados com auxílio de alto custo, assim como diversos fatores que impedem a aquisição dos recursos em virtude de baixo poder aquisitivo das famílias, dessa maneira isso afeta diretamente no ritmo de aprendizagem do aluno, podendo ocasionar a fragmentação do aprendizado. Nesse mesmo viés, Domingues, aborda a questão dos recursos com maior amplitude, quando postula que:

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) podem ser grandes aliadas tanto para o aluno com baixa visão, para a realização de atividades, quanto para o professor do AEE, para a produção de material, bem como para as atividades propostas pelo professor da sala de aula comum, com mais agilidade e possibilidades de adequação de recursos. O computador possui aplicativos e recursos que permitem atender às necessidades de cada pessoa no que se refere à ampliação, ao contraste, à edição de texto e à leitura via áudio. (2002, p. 44)

Portanto é de fundamental importância esses avanços tecnológicos para subsidiar os estudos e a rotinas das pessoas que possuem a baixa visão, frente as desafios que lhe são apresentados diariamente. Estes recursos tem o propósito de ampliar as inúmeras possibilidades e que através da interação entre educador e educando construir juntos novos meios de apoio pedagógico, onde o docente irar buscar mais informações e aperfeiçoamento sobre as inovações tecnológicas, para poder ser utilizada com o seu aluno, afim de atender as necessidades que a pessoa com baixa visão ou visão subnormal apresentam.

3. Metodologia

Para desenvolver este estudo a metodologia utilizada foi o estudo bibliográfico, mediante a análise de artigos científicos, dissertações, livros virtuais, onde a investigação se caracteriza por ser qualitativa. Sob está prisma também utilizaremos a aplicação de questionário semiestruturado com uma aluna com baixa visão, para podermos obtermos mais respaldo em nosso estudo. Para nos enveredarmos nesta pesquisa adotaremos vários estudiosos que contribuíram, para o embasamento teórico deste trabalho sendo eles: Bedaque (2011), Domingues (2010), Ladeira e Queirós (2002), Lima e Silva (2012), Ministério da Educação – MEC (2006), Sá (2007) entre outros, bem como a Lei Brasileira de Inclusão nº 13146/15.

4. Resultados e Discussão

Na busca de adquirimos mais embasamento para a nossa pesquisa, procuramos construir um dialogo com a pessoa com baixa visão, a fim de elucidar as indagações que permeiam o campo investigativo em quanto pesquisadoras. A partir dessas inquietudes surgiu a necessidades de procurar exemplos vividos por sujeitos que tivessem experiências com os recursos pedagógicos sendo eles de alto e baixo custo, onde este terá a oportunidade através das suas falar de evidenciar as suas vivências na utilização dos recursos durante o seu processo de ensino e aprendizagem.

Este trabalho foi elaborado mediante a aplicação de questionário, onde analisaremos as respostas de uma discente com baixa visão e confrontaremos com as concepções de diversos teóricos que realizaram estudos sobre a temática dos recursos pedagógicos, expondo os aspectos relevantes pela entrevistada relacionados com ao seu processo de aprendizagem, experiências e contribuições que iram subsidiar a pesquisa. Em sua fala inicial a entrevistada relata os seus primeiros contatos com os recursos pedagógicos:

Durante o meu processo educacional dispus de alguns recursos como, a lupa, ampliação de textos com fonte de 20 a 24, bem como, caderno com linhas mais grossas para facilitar a realização das atividades propostas, no entanto o recurso mais utilizado era ampliação da fonte, assim como as tecnologias assistivas, apesar de ser algo novo que ainda estou em processo de conhecer e aprender um pouco sobre essa nova ferramenta. (Flor de Lis, 2017)

A partir dos relatos da entrevistada podemos evidenciar que apesar da variedade de resusos disponiveis, a mesma se identificou mais com a ampliação de textos, pois ela prioriza a memoria fotográfica, e a comodidade que este recurso dispoêm, bem como prefere esta

com o a material em mãos, assim como os seus colegas de sala, este metodo propiciar o sentimento de segurança em esta com as mesmas oportunidade que os outros sujeitos, bem como poder acompanhar os conteudos conseguindo superar as suas limitações, podendo até mesmo se sobressair em relação aos outros alunos. Continuando o discurso da discente, a mesma evidencia as potencialidades e as fragilidades de cada recurso que a mesma utilizou esclarecendo que:

O recurso de grande valia é as tecnologias assistivas, pois há textos que não podem ser ampliados, geralmente textos retirados de livros, no entanto a pessoa que utilliza desse recurso acaba sofrendo consequências na perda da memória fotográfica é necessario tempo para se adaptar ao aplicativo. [...]com relação à lupa, apesar dela fazer a amplianção é algo pesado e bastante exaustivo para quem passa horas estudando, no que desrespeito ao caderno, já tive acesso, no entanto acho exagerado e não atende as especificidades reais do aluno, como idade e o nível de escolarização de cada sujeito e por fim a ampliação de textos que é bastante relevante, pois é de fácil acesso e proporciona à pessoa com baixa visão se sentir igual ao demais. (Flor de Lis, 2017)

A partir das especificidades discutidas pela discente podemos constatar que não existem recurso totalmente eficaz, todos possui potencialidades e fragilidades, nesta perspectiva isso vai depender da identificação de cada aluno em sua adaptação e experiência com o artifício desejado, essa situação nos parece bastante desafiados em buscar priorizar e atender as particularidades de cada sujeito. Levando em consideração os aspectos mencionados à educanda expõem as tecnologias assistivas que utiliza:

A muito pouco tempo tive a oportunidade de acesso as tecnologias assistivas, no entanto tive uma certa dificuldade e achei bastante dificil de me adaptar ao programa e a voz do ledor, por ser bastante rápida e necessitar de um tempo para que eu possa dispor das habilidades e assim ter autonomia para fazer uso do aplicativo. (Flor de Lis, 2017)

Para a temática aqui abordada, a entrevistada apresenta sua contribuição em relação ao uso das tecnologias assistivas, neste contexto expõem as suas dificuldades iniciais de adaptações, onde esta detalha que o ledor é bastante acelerado e não permite a interpretação do texto, bem como um raciocino mais especifico da leitura. Em suas falas a discente relata que por ser algo novo, a mesma não deteve de tempo para se apropriasse e obter o domínio necessário para a sua autonomia, o que acaba por limitar o acesso a esse recurso, em virtude de fatores externos que a impendem de se familiarizar mais com esse artifício tecnológico. Com relação as questões aqui discutidas, a discente traz uma interessante contribuição em relação ao aprimoramento dos recursos pedagógicos e tecnologias assistivas:

Acredito que se houvessem pesquisas realizadas com pessoas com baixa visão, seria uma ótima alternativa para que esses recursos de apoio pudessem realmente subsidiar e conseqüentemente obter maiores resultados, pois não a ninguém melhor do que o próprio deficiente para direcionar as fragilidades dos recursos, só a partir de então a inclusão escolar será realmente efetivada. (Flor de Lis, 2017)

No que se refere à inserção na universidade e ao acesso a informações sobre os recursos de tecnologias assistivas a estudante esclarece que:

[...] não foi à universidade em si, mas sim a minha própria busca por melhorias, também tive ajuda de um colega que possui cegueira e que me auxiliou durante esse processo, infelizmente falar e discutir inclusão não é suficiente, se as ações não são inclusivas ainda, há muito o que melhorar e aperfeiçoar, para que assim como eu muitos deficientes possam ter uma melhor qualidade de vida. (Flor de Lis, 2017)

Considerando então esse recorte a educanda discutira sua inserção na universidade e os seus desafios perante as suas limitações, neste contexto é notável a pouca participação da universidade em viabilizar assistência necessária que a aluna precisa. Sobre está prisma é perceptível que isso ocorre em virtude da grande demanda de pessoas com necessidades especiais que necessitam de apoio e acompanhamento da instituição. Em meio a tantas discussões sobre a inclusão é evidente que para que a inclusão aconteça de forma efetiva é imprescindível o empenho de todos em conhecer, conviver, aceitar e respeitar as diferenças, não apenas em discurso mais em ações que viabilizem a integração dos sujeitos nas áreas que em estes desejem atuar, de forma com participação e permanente.

Contribuindo para o embasamento da pesquisa a aluna relata sobre os seus professores e a questão de se trabalhar com recursos destinados a suprir as necessidades especiais da educanda:

Em grande parte não, desde pequena tive o apoio e orientação de minha família, também sou uma pessoa autônoma que sempre estou em busca de algo melhor que possa contribuir para minha formação científica e pessoal, acredito que seria bem mais fácil se tivesse o apoio dos docentes e o apoio pedagógico, porém sigo confiante e em busca da resiliência. (Flor de Lis, 2017)

Diante da discussão apresentada a discente evidência que alguns docentes têm um participação pouca expressiva em termos de inclusão em sala de aula, pois na maioria das vezes não conseguem atender os anseios da aluna, em contra partida isso não oprime a educanda que está em constante busca de ascensão acadêmica, procurando sempre está ligada ao campo científico, mesmo sendo algo desafiador, bem como fora da universidade, o que demonstrando coragem e vontade de se superar a cada instante, mesmo diante de suas

fragilidades, seja como deficiente ou quanto aluna, servindo de exemplo para outros sujeitos que passam pelas mesmas pretensões. Com relação ao desempenho dos docentes é pertinente mencionar que isso ocorre em virtude que no seu período de formação inicial existiam pouco diálogos e literaturas em torno dessa temática, no entanto os mesmos podem se aprimorar através de uma formação continuada e buscar aprofundamento teórico em leituras específicas para maiores esclarecimentos na área da inclusão, podendo assim contribuir com uma participação mais efetiva na vida acadêmica do seu aluno deficiente.

No que desrepeito a ligação com outras pessoas com a mesma deficiência a educanda descreve sobre a troca de informações sobre os recursos pedagógicos e tecnologias assistivas e detalha:

Sim, conheço, é sempre bom conhecer pessoas que passam pelas mesmas dificuldades e desafios, no entanto temos limitações diferentes, até o momento não encontrei nenhuma outra pessoa que tenha as mesmas necessidades que eu, porém a cada conversa é um novo aprendizado, bem como apoio e compreensão, pois ambos vivenciam experiências desafiadoras, mas sei que dará resultados positivos, seja como profissional e na vida pessoal. (Flor de Lis, 2017)

No que tange a troca de experiências entre os colegas é pertinente relatar que a aluna específica como um fator primordial para o seu o enriquecimento acadêmico e pessoal a troca de experiências com o outros sujeitos que possui deficiência, onde ocorre o aprendizado entre os mesmo a partir de diálogos sobre vivências, limitações e superações, ocorridas em sua trajetória de vida, onde estes narram suas conquistas atribuídas aos esforços e dedicação em vencer as barreiras atitudinais que permeiam a sua rotina, aprender com o outro e viver juntos aprendendo a ser e a conviver. O indivíduo é moldado de acordo com suas vivências, porém, não é prisioneira da sua deficiência pode buscar estratégias para obter mais qualidades de vida e poder esta inserida onde achar mais conveniente para suas expectativas futuras e promissoras onde ele deseje atuar.

5. Conclusão

No tocante podemos elucidar que a inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino regular é um grande desafio, pois nem as escolas, família e nem o próprio sujeito esta preparado para lidar com suas necessidades, ele sempre esta em um processo de ensino aprendizagem, onde busca diariamente superar as suas limitações.

Diversos autores expõem que nem sempre os profissionais estão capacitados o suficiente para realizar o apoio pedagógico que esses alunos, no entanto diante deste quadro existem exceções, pois algumas instituições fornecem cursos de formação continuada para os professores, no entanto não é suficiente, pois no cenário atual cada vez mais as pessoas com deficiência estão lutando pelo seu espaço, seja na escola, no mercado de trabalho ou no convívio social.

Apesar dos recursos e oportunidades que o sistema oferece os mesmos ainda são insuficientes para a demanda de alunos que necessitam esta inseridos no processo escolar. Nesta perspectiva é fundamental que os professores busquem alternativas inovadoras e eficazes para que os alunos possam se desenvolver de forma plena e que a segregação seja algo do passado, pois os novos recursos pedagógicos são ótimas ferramentas para se otimizar o processo de ensino e aprendizagem do aluno, bem como aumentar os conhecimentos do profissional educador.

É importante mencionar que a educação inclusiva já avançou consideravelmente, no entanto, ainda ha muito que melhorar e um dos pontos que se faz necessário mencionar é a conscientização dos profissionais envolvidos neste contexto que ainda deixa muito a desejar, pois o aluno com baixa visão ou visão subnormal, muitas das vezes não são compreendidos, onde a deficiência não está visível como as outras, por isso se tornam tão árdua e desafiadora superar as barreiras atitudinais que lhes restringem diariamente.

Referências

BEDAQUE, Selma Andrade de Paula. O atendimento educacional especializado no processo de inclusão escolar, na rede municipal de ensino de Mossoró/RN, Natal, Dez. 2011.

BRASIL. Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos cegos e de alunos com baixa visão. [2. ed.] / coordenação geral SEESP/MEC. - Brasília : MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. 208 p. (Série: Saberes e práticas da inclusão) Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/avaliacao.pdf>
Acesso em: 05/03/2017

DOMINGUES, Celma dos Anjos. A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: os alunos com deficiência visual: baixa visão e cegueira / Celma dos Anjos Domingues [et.al.]. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial ; [Fortaleza] : Universidade Federal do Ceará, 2010. v. 3. (Coleção A Educação Especial na Perspectiva da

Inclusão Escolar). Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7105-fasciculo-3-pdf&Itemid=30192

Acesso em: 05/03/2017

LADEIRA, Fernanda; QUEIRÓS, Serafim. Compreender a baixa visão. Ministério da Educação/Departamento da Educação Básica, nº 140, ed. 7, 1350-346, Lisboa, 24 de jun. 2002. Disponível em: http://www.deficienciavisual.pt/x-txt-aba-Compreender_Baixa_Visao-FL&SQ.pdf

Acesso em: 05/03/2017

_____. LEI 13146 – LBI - Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm

Acesso em: 05/03/2017

LIMA, Francisco José; SILVA, Fabiana Tavares dos Santos. As barreiras atitudinais são perpetuadas na e pela ação da escola e só será por meio da educação que se poderá erradicar tais barreiras ou, pelo menos, minimizar seus efeitos danosos. Educação inclusiva, 13 set.

2012. Disponível em: <http://www.deficienteciente.com.br/barreiras-atitudinais-obstaculos-a-pessoa-com-deficiencia-na-escola.html>

Acesso em: 05/03/2017